

ESPOROTRICOSE FELINA

Letícia Santos Barçante¹
Ariane de Souza Fernandes¹
Debora Oliveira de Souza¹
Jessica Ângela da Silva Portela¹
Matheus Venâncio de Souza¹
Gabriela Fernandes Barbalho¹
Mayara Cristini Ferreira de Aguiar²

barcanteleticia@gmail.com

Área de conhecimento: Ciências Agrárias

PALAVRAS-CHAVE: esporotricose, felinos, zoonose, micose, fungo.

INTRODUÇÃO

A esporotricose é considerada uma micose subcutânea, tendo como principal causa o fungo *sporothrix schenckii*, que pode acometer seres humanos e várias espécies, principalmente os felinos, tendo maior impacto naqueles com o sistema imunológico deficiente (MEINERZ, 2007). A infecção nesses animais pode ocorrer pela inoculação do agente no solo, matéria orgânica ou por meio de mordedura, arranhadura de um animal já infectado. Constantemente é confirmada nos gatos apresentando de forma cutânea localizada, linfática ou disseminada. Em casos mais severos a doença pode alterar funções fisiológicas dos pulmões, linfonodos internos, fígado, baço e rim. É considerada um problema de saúde pública, ou seja, uma zoonose que vem aumentando a cada ano no Brasil. O diagnóstico é realizado através do histórico, sinais clínicos e exames complementares como cultura, citologia e laboratoriais (SILVA, 2018). Essa doença é mais comum em zonas temperadas a tropicais, onde o fungo consegue ter maior proliferação no ambiente (BAZZI, 2016). Para o tratamento o fármaco de escolha para os felinos é o itraconazol, pois possui menos efeitos adversos quando comparado com outros antifúngicos. Após a regressão da doença deve continuar com o medicamento durante os próximos 30 dias (ALMEIDA, 2018).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica, onde foram utilizados artigos pesquisados nas plataformas de busca Scielo, google acadêmico. Os descritores utilizados foram: esporotricose, felinos, zoonose, micose, fungo.

RESULTADO E DISCUSSÃO

A forma do agente contaminar o animal se dá principalmente pela inoculação do *S. sporotrix*, chega nas camadas mais profundas do tecido e se transformam em leveduras, podendo ficar na região de entrada causando lesões que progressivamente vão ulcerar. O agente pode disseminar para via sanguínea ou linfática se estabelecendo em vários órgãos, como por exemplo o sistema nervoso central. A disseminação da doença vai depender do estado imunológico do animal. O período de incubação varia em até três meses (PIRES, 2017). Para que ocorra a transmissão do agente acredita que o felino deve ter feridas previas na epiderme, mas a forma mais comum é a inoculação do agente, desta maneira esses animais apresentam caráter zoonótico importante, pois através de mordeduras e

arranhaduras podem contaminar os humanos, além disso antigamente pessoas que trabalhavam em zonas rurais, jardineiros e que tinham contato direto com matéria orgânica se contaminavam (SANTOS, 2018). A cultura fúngica é a avaliação definitiva para o diagnóstico da esporotricose. Inicialmente os gatos não apresentam sinais clínicos, porém com o avanço da doença eles podem manifestar com lesões múltiplas na pele com crostas ou não e até mesmo necróticas principalmente em região de cabeça, podendo assim levar um quadro sistêmico letal. Esses animais também podem apresentar febre, anorexia, desidratação e perda de peso, os sinais respiratórios vão estar associados com o agente na cavidade nasal, desta maneira pode surgir incômodo na região de nariz e assim os espirros (ALMEIDA, 2018). O tratamento com o itraconazol é o fármaco de escolha, porém o iodeto de potássio em cápsulas também é uma opção terapêutica nos felinos. Esse fármaco é uma alternativa em pacientes humanos não responsivos ao itraconazol. A associação do iodeto de potássio e agentes antifúngicos pode apresentar melhores resultados efetivos e seguros (ROCHA, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A esporotricose é uma importante micose que está associada principalmente à transmissão zoonótica, por felinos domésticos infectados. Apesar de viverem de forma saprófita podem se tornar patogênicos para diversas espécies de animais. Estudos devem ser realizados para determinar os fatores de risco associados à doença para que medidas de controle possam ser implementadas. O tratamento deve ser realizado com o acompanhamento do médico veterinário, principalmente nos felinos pois eles são sensíveis a diversos medicamentos e a avaliação prescrição e dosagem devem ser realizadas por um profissional.

REFERÊNCIAS

- PIRES, Camila. Revisão de literatura: esporotricose felina. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 15, n. 1, p. 16-23, 2017.
- BAZZI, Talissa et al. Características clínico-epidemiológicas, histomorfológicas e histoquímicas da esporotricose felina. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 36, n. 4, p. 303-311, 2016.
- MEINERZ, Ana Raquel Mano et al. Esporotricose felina: relato de casos. **Ciência Animal Brasileira**, v. 8, n. 3, p. 575-577, 2007.
- SANTOS, Agna Ferreira et al. Guia prático para enfrentamento da esporotricose felina em Minas Gerais. **Revista Veterinária & Zootecnia em Minas**, v. 137, n. 38, p. 16-27, 2018.
- SILVA, Grasiene M. et al. Surto de esporotricose felina na região metropolitana do Recife. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 38, n. 9, p. 1767-1771, 2018.
- ALMEIDA, Adriana J. et al. Esporotricose em felinos domésticos (*Felis catus domesticus*) em Campos dos Goytacazes, RJ. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 38, n. 7, p. 1438-1443, 2018.

ROCHA, Raphael Francisco Dutra Barbosa da et al. **Tratamento da esporotricose felina refratária com a associação de iodeto de potássio e itraconazol oral.** 2014. Tese de Doutorado.